

DF. Ceilândia

Medo e insegurança no Privê

Residencial, às margens da BR-070, tem tranquilidade apenas aparente

THIAGO ARAUJO

Um ambiente de união e fraternidade entre os moradores é a primeira impressão do visitante ao entrar na área do Condomínio Privê, em Ceilândia. A comunidade vive às margens da BR-070, e, apesar da aparente tranquilidade, vive com o medo e a sensação de insegurança domina o residencial. As famí-

lias também convivem com o mau cheiro e o esgoto a céu aberto, com a dificuldade de transporte e com a falta de colégios públicos que atendam aos estudantes a partir da quinta série do ensino fundamental.

Apesar dos problemas, a auxiliar de enfermagem Adriana Ugliari, de 26 anos, moradora do condomínio há 15, afirma que o convívio com os vizinhos compensa a moradia no Privê. "É bom morar aqui porque a comunidade é unida e preocupada em ajudar uns os outros", revela. Na rua comercial, os moradores têm acesso às mais diversas lojas de conve-

niência como padaria, farmácia, armarinho e mercado. Outros serviços, como banco, posto de gasolina, casa lotérica e bons restaurantes estão na lista das necessidades dos cerca de 10 mil moradores da região.

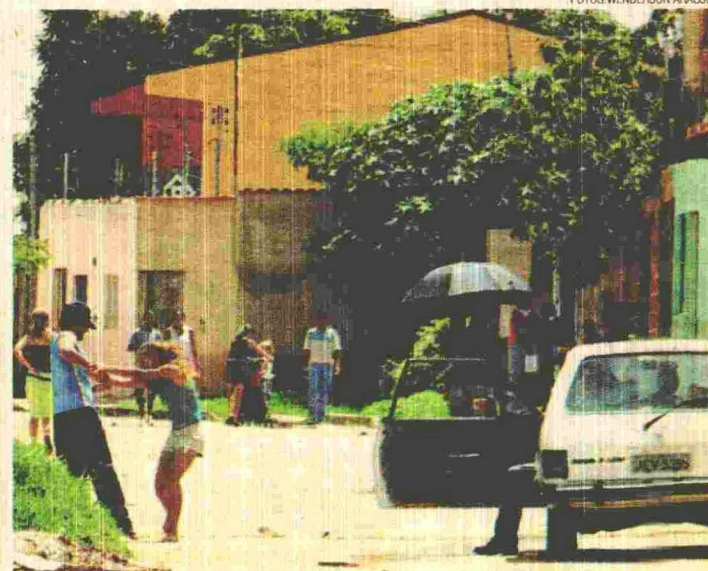
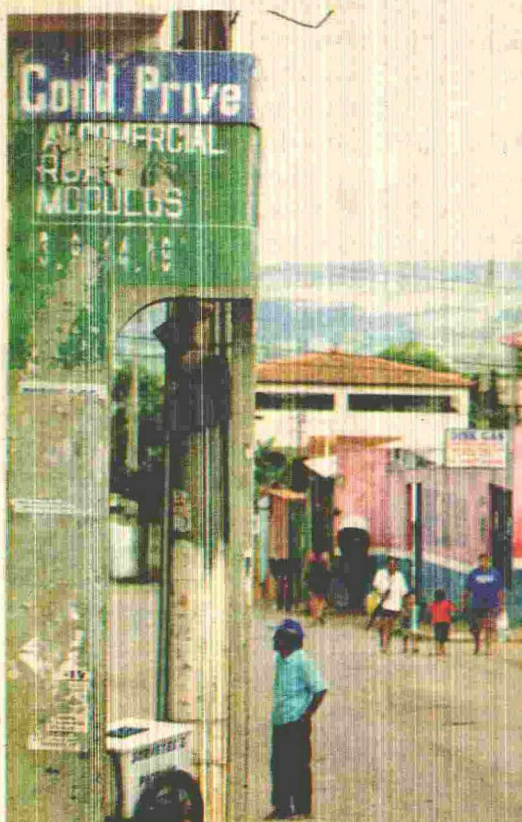
Há cerca de 20 anos, a área era apenas um setor de chácaras, com terrenos extensos. Atualmente, os cerca de 1,4 mil lotes possuem área de cerca de 10x30 metros. Segundo o presidente da Associação de Moradores do Condomínio Privê (AMCP), Maurício Albuquerque Barbosa, de 43 anos, cerca de 90% dos lotes possuem algum tipo de construção. A AMCP foi fundada em 1999,

para atender as necessidades dos moradores e lutar por melhores condições de infraestrutura da região. "Faltam áreas de lazer e esporte para as nossas crianças, pois as duas quadras que nós temos não estão em boas condições", afirma Maurício.

Outra reivindicação dos moradores é um policiamento mais ostensivo na região. A dona do salão de beleza, Sandra Maria da Silva, de 34 anos, tem medo de sair de casa à noite. "É muito perigoso. Eu e meu marido sempre escutamos gritaria, som alto e até espancamento já vimos da nossa janela. Vivemos em um estado de tensão cons-

tante. Quando o dia amanhece, é necessário abrir a porta com cuidado", revela.

Para o dono da farmácia, Wilton Ferreira, de 33 anos, a saída para evitar assaltos e roubos foi ficar amigo da bandidagem. "Já buscamos a polícia e não tivemos amparo. Eu já joguei futebol com pessoas que sei que são bandidos. Não são meus amigos, mas a gente tem que conviver com eles de uma boa forma", avisa. Segundo ele, os bandidos que atuam na região não são moradores do Condomínio Privê. "Faltam projetos de ação social dentro do residencial para poder ocupar o tempo dos meninos e meninas da área", afirma.



FOTOS: WENDERSON ARAUJO

Principal reclamação dos moradores é a falta de segurança, mas condôminos como Maria Ferreira (acima) não suportam o mau cheiro causado pelo esgoto, que corre a céu aberto. Ela já teve problemas de saúde causados pela falta de higiene no local